

Esperança Cardeira

Universidade de Lisboa,
Portugal ecardeira@campus.ul.pt

Alina Villalva

Universidade de Lisboa, Portugal
alinavillalva@edu.ulisboa.pt

Laura do Carmo

Fundação Casa de Rui Barbosa,
Rio de Janeiro, Brasil
laura.carmo@rb.gov.br

<https://orcid.org/0000-0003-4700-9830>

<https://orcid.org/0000-0002-7798-5034>

<https://orcid.org/0000-0001-6312-4869>

PORTUGUÊS E LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS EM CONTACTO: O TESTEMUNHO DE BLUTEAU

Portuguese and Brazilian indigenous languages in contact: Bluteau's testimony

ABSTRACT

From the 15th century onwards, the Portuguese language became a colonial instrument. In non-European territories, the Portuguese imposed themselves on different cultures, but they also welcomed new words, alongside the discovery of hitherto unknown realities. Bluteau's *Vocabulário* offers a large amount of information about Portuguese contact with indigenous languages, as in the case of Brazil. The expression “Brazilian word” is used by Bluteau in entries that refer to Brazilian specificities, generally autochthonous plants and animals, as well as some artefacts. Bluteau's lexicographical writing reflects both the vision of the world of his time and the lexicographer's personal point of view, illustrated by information that is sometimes well-founded and sometimes quite fanciful.

KEYWORDS: European Portuguese, Brazilian Portuguese, Brazilian indigenous languages, lexicon, Bluteau's *Vocabulário*

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do último milénio, a língua portuguesa expandiu-se para um número considerável de territórios. Como resultado, a variação lexical tornou-se uma característica inerente e um reflexo de uma crescente diversidade cultural. Embora em alguns casos esta variação seja bem conhecida e documentada, noutros permanece menos explorada e insuficientemente descrita. Esta discrepância decorre principalmente da estabilidade de algumas destas

variedades linguísticas, como o português europeu e o português brasileiro, em contraste com o desenvolvimento recente de outras, como o português angolano ou moçambicano¹.

A variedade do português que se desenvolveu no Brasil tem sido objeto de numerosos estudos e alguma controvérsia no que diz respeito à designação: português do Brasil, português brasileiro, brasileiro? A discussão justifica-se pelo facto de, apesar de português europeu e português do Brasil poderem ser encarados como diferentes normas de um mesmo sistema linguístico e ainda que o registo escrito das duas variedades se conserve bastante semelhante, se verificar um crescente afastamento. O português brasileiro está a caminhar para uma unidade interna mais significativa (embora a diversidade dialetal ainda seja considerável), e a afastar-se cada vez mais do português europeu, exatamente como o português se afastou do latim. Para esse afastamento contribuíram fatores externos como os contactos fronteiriços e os sucessivos processos migratórios que permitiram ao português conviver, no Brasil, com outras línguas (como o castelhano, o italiano e línguas eslavas e germânicas), criando dialetos mais ou menos isolados e enriquecendo o léxico.

Mais antigos são os contributos das línguas indígenas americanas e de línguas africanas, que se estendem por todo o território, com maior ou menor penetração e permanência. O legado dessas línguas é visível principalmente no âmbito do onomástico (especialmente na toponímia) e na flora e fauna nativas. Quanto aos nomes de plantas e animais indígenas incorporados no léxico do português brasileiro, alguns, particularmente aqueles que designavam realidades desconhecidas em Portugal, foram introduzidos no português europeu. A assimilação destes empréstimos processou-se de forma diferente no português brasileiro e no português europeu, o que pode ter sido o gatilho inicial para diferenciar os léxicos de ambas as variedades. Analisar o processo de introdução deste novo léxico, nos seus momentos iniciais, através das primeiras descrições, pode revelar-se um contributo com interesse para o estudo da separação lexical entre português brasileiro e europeu.

Várias fontes, geralmente relacionadas com as primeiras descrições do Brasil destinadas ao público europeu, oferecem informações sobre as novidades tropicais e os seus nomes. Vamos, aqui, focar-nos no *Vocabulário portuguez e latino* (1712–1728) de Rafael Bluteau, que utiliza algumas dessas fontes nos seus verbetes. O caráter enciclopédico do *Vocabulário* (que é, de facto, o primeiro dicionário monolíngue de português, ver Verdelho 2007) oferece um manancial de informações sobre a cultura, os conceitos, as novas realidades e o léxico que os portugueses conheceram nos seus primeiros contactos com o Brasil. A vocação enciclopédica desta obra é anunciada no título, em que surge uma lista de adjetivos que identificam os domínios abordados no dicionário. Interessam-nos dois: *brasílico* e *xenophonico*. O significado de *brasílico* não é explicitamente clarificado por Bluteau, uma vez que não figura como entrada do vocabulário. Bluteau fala em “brasiis” quando se refere ao “povo do Brasil” (“Brasiis. Povos do Brasil”) mas, na entrada *mazombo*, menciona os “brasileiros”, referindo-se quer aos portugueses quer aos “gentios”²:

¹ As variedades do português angolano e moçambicano caminham para um novo estatuto autónomo, dado que o português se tornou língua oficial e, com frequência, língua materna nestes países, independentes desde há quase meio século. Goa, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Macau também têm a língua portuguesa como uma das suas línguas oficiais, mas o número de falantes de português não é muito elevado. Embora o *Vocabulário* de Bluteau registe muitos termos de Goa e alguns da Guiné, escolhemos centrar-nos, aqui, nos verbetes que se referem ao português do Brasil.

² Todos os sublinhados são nossos.

Mazombo. Este nome não se dá indifferente a qualquer filho do Brasil. Jorge Marcgravo no livro 8. da sua histó. do Brasil, cap. 4. traz os nomes, que os Brasileiros, quer Portuguezes, quer gentios, dão às diferentes nações, que naquella terra habitão (...). Os filhos de pays, & mãys Europeos, se chamão *Mazombos*.

O filho de pay Europeo, & mãy negra, chama-se *Mulato*; o filho de pay do Brasil, & mãy negra, chama se *Curiboca*, ou *Cabocles*; o filho de pay, & mãy, negros, chama se *Crioulo* (...) (s.v. MAZOMBO).

Aparentemente, *brasiis* e *gentios* são termos semanticamente equivalentes, mas *brasileiro* inclui quer os ameríndios nativos quer os portugueses que vivem no Brasil. Portanto, *brasílico* deve ser um adjetivo relacional, com o significado de ‘referente ao Brasil’, embora Bluteau não forneça explicitamente esta informação. Note-se, no entanto, que este adjetivo se torna mais claro no prólogo do *Vocabulario*³, em que Bluteau se dirige a diversos tipos de leitor. Na secção dedicada ao “leitor impertinente”, Bluteau explica o longo título da sua obra, e esclarece:

He *Xenophonico*, de *Xenos*, Eſtranho, & *Phoni*, voz. Declara muitas vozes eſtranhas, que o commercio com o

Brasil, India, & outras terras ultramarinas introduzio, se naõ na lingoa, na História da[s] conquiſtas de Portugal, (...) por eſta mesma razam chamo a eſte *Vocabulario Brasílico*, & *Indico*, & a eſtes dous se lhes poderiaõ ajuntar muitos outros epithetos, & nomes de naçoens diversas, porque das suas conquiſtas, & domínios fora da Europa, de Angola v.g. Congo, Moçambique Sofala, &c; trouxeraõ os Portuguezes muitos vocábulos (...).

Alguns destes vocábulos “xenofónicos” são “brasílicos”, portanto. De facto, no *Vocabulario* encontramos mais de 750 referências ao Brasil⁴. Uma delas tem como entrada a palavra *Brasil*:

Brasil. Grande Região da America Meridional descoberta por Pedr’Alves Cabral, que hia por Capitão mòr da segunda armada, que el-Rey D. Manoel (de felice memoria) mandou à India, & partio de Lisboa em 9. de Março de mil, & quinhentos do nascimento de Chriſto; (...) & em 3. de Mayo, surgio com a armada em hum porto, ao qual por lhe parecer seguro dos perigos do mar, chamou Porto Seguro. (...) Dividese o Brasil em 14.

Capitanias, ou Provincias, a saber, Tamaraça, que he a mais antiga de todas; Bahia, donde reside o Governador; Pernambuco, Para, Maranhão, Ciara, Rio Grande, Pariba, Seregippe, os Ilheos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, & S. Vicente. (...) Brasil. Pao vermelho, pesado, & muito seco. (...) quer Manoel de Faria, que eſte pao se chamasse Brasil, de *Braza*, nome que significa o incendio da sua cor. (...) Brasil. Tomase às vezes por homem natural do Brasil. (...) Val o mesmo na lingoa dos *Brasis* (s.v. BRASIL).

Neste caso, além da descrição histórica, o verbete inclui uma tentativa de explicação do nome *Brasil*, e a referência a *brasil* como sinónimo de “homem natural do Brasil”

³ Sobre o prólogo do *Vocabulario* de Bluteau ver Silvestre 2001. ⁴ Levantamento feito no *Corpus Lexicográfico do Português*.

e a “lingoa dos Brasis”. Outras referências dizem respeito à toponímia, mas na maioria dos casos (451 referências) trata de vocabulário comum. Algumas destas menções ocorrem em definições de verbetes variados (182) e outras figuram como entradas (269). A secção seguinte incidirá sobre a forma como Bluteau elabora estes verbetes.

2. AS FONTES

Esta secção abordará a metodologia usada por Bluteau para a construção dos verbetes do *Vocabulario*. Na entrada referente a *Janeiro* encontramos os topónimos *Guanabara* e *Niterói*:

(...) Rio de Janeiro. Rio da America Meridional, no Brasil, assim chamado dos Portuguezes pello descobrirem no primeiro dia do anno. Os Indios lhe chamaõ *Ganabara*, ou (como quer Francisco de Britto na sua História da guerra Brasilica pag. 34.) *Nhiteroy* (...) (s.v. IANEIRO).

Este verbete documenta uma prática comum no *Vocabulario*, a fundamentação e ilustração das afirmações por meio de fontes credíveis, que Bluteau lista no volume suplementar, em que invoca três referências para o Brasil: *Guerra Brasilica*, *Medicina Brasiliensi* e *Historia rerum naturalium Brasiliae*. Contudo, um exame mais atento das entradas relevantes mostra que as fontes de Bluteau iam além destas três referências.

A *História da Guerra Brasilica* de Francisco de Brito Freire (1675), referida no verbete *Janeiro*, é uma das melhores fontes portuguesas para os acontecimentos ocorridos durante o período holandês no Brasil (a que o autor chama *Nova Lusitania*). *Noticias curiosas, & necessarias das cousas do Brasil* (1668) é da autoria de Simão de Vasconcelos (também autor de *Chronica da Companhia de Jesus do estado do Brasil*, 1663). O volume em latim, que inclui *De medicina brasiliensi*, do holandês Guilherme Piso, e *Historiae rerum naturalium Brasiliae*, do alemão George Marcgrave, publicado em 1648, bem como o relato do holandês Johan Jacob Nieuhof *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, de 1682, mostram que as fontes de Bluteau não se limitavam a autores portugueses.

O recurso a estas fontes, para fundamentação das descrições, pode ser ilustrado pelas entradas abaixo:

Maracuja, ou segundo Glielme Pison, Murucujá. Herva do Brasil (...) (s.v. MARACUJA).

Noitibô. Ave nocturna do tamanho de Gralha, pardasinha, ou de hum negro desbotado. Por baixo da barriga he alvadia; a cabeça he larga, & chata, o bico delgadinho, alguma cousa revoltado, o rabo comprido, as azas grandes; quando voa, ajunta-as por cima, & com ellas dà estallos. No cap. 3. do livro 5. Jorge Marcgravia descreve com miudeza, & elegancia o Noitibô do Brasil (...) (s.v. NOITIBÔ).

Patiguã. (Termo do Sertão do Brasil.) He como cayxa de palhas, em que o Gentio guarda a rede, cabaço, &c. (Seu mayor enxoval vem a ser hũa rede, hum patigua, hum pote, &c. Vasconc. Noticias do Brasil, pag. 122) (s.v. PATIGUÃ).

3. OS “TERMOS DO BRASIL”⁴

Os verbetes que fazem menção ao Brasil podem ser palavras do português ou empréstimos de línguas ameríndias – os dois tipos resultam do contacto entre o português e as línguas indígenas. As áreas semânticas privilegiadas são os elementos naturais. Cerca de 80% destas entradas são nomes de plantas e animais nativos, mas características culturais, usos, alimentos e artefactos também estão presentes:

Açúcar, ou Açucere, ou Assucar. (...) Engenho de açúcar. O Gentio de Brasil lhe chama *Ibira babaca*, & *Ibira parangana*. (...) Açucar batido, chamão no Brasil ao melaço (...) (s.v. AÇUCAR).

Cacimbas. (Termo do Brasil) Assim chamaõ humas covas, que como pequenos poços abrem junto do mar, para tirarem agua doce, que como taõ vizinha da salgada, fica ainda demasiadamente salobra, & apenas de serviço para o uso mais ordinario (...) (s.v. CACIMBAS).

Cachorro do mato. He o nome do animal, a que o Gentio do Brasil chama *Tai-ibi*, e outros da mesma terra, *Carigueya*, e Sarigoi (...) (*Suplemento* s.v. CACHORRO).

Pitangueira. Arvore do Brasil. Seus frutos são como ginjas de Portugal em gosto, & qualidade (...) (s.v. PITANGUEIRA).

3.1. A FLORA E A FAUNA

Os portugueses encontraram no Brasil inúmeras plantas e animais que não conheciam. Para as nomear, usaram os nomes indígenas⁵ ou designações portuguesas sugeridas por realidades semelhantes, recorrendo a comparações e metáforas. A estratégia mais simples é a que encontramos em verbetes como *araticu*, *cajù*, *caragoatã*, *iapinabeiro*, que são descritos simplesmente como “planta do Brasil”; *carapinimas*, *iaboticaba*, *igbanemixama*, *mangabeira*, *mocujê*, descritos como “árvore do Brasil” ou em *anhima* (“ave do Brasil”), *garracim/garracicaõ* (“passaro do Brasil”), *paca* (“animal do Brasil”), *ierepemonga* (“serpente marinha do Brasil”).

Em alguns verbetes, encontramos uma tentativa de descrição mais completa, que pode incluir características da planta ou animal, o seu uso ou a variedade de espécies:

Aipyi. Erva do Brasil, de cujas raizes fazem os Indios Paõ, & Vinho. Há desta erva muitas especies. *Aipyi quacú*, *Aipyi jarandè*, &c. O a que chamão *Aipyi Machaxera* he o melhor, mais saudavel, & mais gostoso (...) (s.v. AIPYI).

Cajazeiro. Arvore do Brasil altissima (...) (s.v. CAJAZEIRO).

Giboya. Cobra do Brasil de môstruosa grandeza (...) (s.v. GIBOYA).

Sapucaya, ou çapucaya. Planta do Brasil. He arvore de tronco alto, & ordinariamente muyto grosso (...) (s.v. SAPUCAYA).

⁴ “Termo do Brasil” é a designação que Bluteau usa para se referir a vocábulos específicos do Brasil. Sobre esta marca lexicográfica ver Gonçalves 2006.

⁵ Sobre os nomes indígenas ver um glossário de brasileirismos ameríndios de base tupi em Lopes, Cabral 2018.

Note-se que Bluteau parece reconhecer que os “gentios” não constituem um único povo, com uma única língua, e dá informações sobre a variedade de designações para uma mesma realidade:

Cofia, por outro nome *Aguti*: Animal do Brasil (...) (s.v. COTIA).
jamacarù, ou *Iaracaty*, ou *Vrumbeba*. Planta do Brasil (...) (s.v. IAMACARU).
Occoembo. Herva do Brasil, a que o Gentio chama *Embuayembo* (...) (s.v. OCCOEMBO).
Quirato. Arvore do Brasil por outro nome, *Fucamana* (...) (Suplemento s.v. QUIRATO).

Uma estratégia a que Bluteau recorre com frequência é a de descrever a flora e fauna brasileiras usando elementos bem conhecidos dos portugueses:

Ananás. Fruto do Brasil. He da feição de huma pinha de Portugal (...) (s.v. ANANAS).
Mandiôca. Raiz como cinoura, ou nabo, que he toda a fartura do Brasil (...) (s.v. MANDIÔCA).
Maribonda. Especie de vespa do Brasil. Os naturaes lhe chamão *Cupueruçu* (...) (s.v. MARIBONDA).
(...) A onça, a que o Gentio do Brasil chama *Jaguarete*, he hũa especie de tygre, do tamanho de hum novillo de hum anno (...) (s.v. ONÇA).
Pocobeira, ou Pacoeira, ou Pacoba, ou Pacobete. (...) He huma planta do Brasil (...); dá esta arvore frutos todo o anno, que saõ da feyção de cachos de uvas, & estaõ cheyos de grãosinhos a modo de figos, dos quaes tambem tem o sabor (...) (s.v. POCOBEIRA).

Alguns elementos da flora e da fauna brasileiras já eram conhecidos dos portugueses, que os tinham encontrado em África ou no Oriente. Nesses casos, Bluteau fornece uma descrição baseada na comparação da nova realidade com a conhecida e indica as designações locais:

Goyava. No Brasil; na India, *Pera* (...) (Suplemento s.v. GOYAVA).
Iacaré, ou Jacaré. Nome, que os do Brasil dão aos Crocodilos; os do Congo lhes chamaõ Cayman. Naõ só nos rios, mas tambem em humas lagoas do Brasil há Jacarés, muy semelhantes aos Crocodilos de Africa (...) (s.v. IACARE).
Pacoeira, ou Pacoba. Arvore natural do Congo, que tambem se cria no Brasil, o Gentio lhe chama, Pacobete (...) (s.v. PACOBEIRA).
(...) na India o papagayo se chama *Carindi*, & no Brasil se chama *Aiuru*, ou *Aiurucuruca*, ou *Tui*, *Tuiete*, *Tuipara*, &c. (...) (s.v. PAPAGAYO).

Embora, em muitos casos, Bluteau indique as designações indígenas, várias referências ao Brasil surgem em entradas que são palavras do português. Essas entradas dão conta de uma estratégia adotada pelos portugueses colonizadores e que consiste numa utilização metafórica (*mamoira* “porque o seu fruto tem figura de mama”, metonímica (*bicuda* “por ter o bico muito comprido”), ou outra, de palavras do português para referir realidades até então desconhecidas:

Pao molle, ou pao velho. Arvore do Brasil, a que os Portuguezes deraõ este nome, porque tem a casca molle, & cheya de rugas (...) (s.v. PÃO).

Soldado. Peyxe do Brasil, a que o Gêntio chama *Tamoata*. Os Portuguezes lhe chamãrão *Soldado*, porque tem a cabeça cubierta de hũa cartilagem dura a modo de capacete, & as escamas de todo o corpo lhe fórmão hũa especie de couraça, com hũa cor de ferro, particularmête na cabeça (...) (s.v. SOLDADO).

Bicuda. Peixe do Brasil, a que os Portuguezes deraõ este nome por ter o bico muito comprido, agudo, e duro. O Gêntio lhe chama *Guebucu* (...) (*Suplemento* s.v. BICUDA).

Cortapao. Passaro do Brasil, do tamanho de pombo; tem o bico direito, agudo, e taõ rijo, que com elle corta a casca das arvores, donde lhe veyo o nome de Cortapao. O Gêntio do Brasil lhe chama *Ipecu* (...) (*Suplemento* s.v. CORTAPAO).

Mamoera, Arvore do Brasil que se dà particularmente no termo da Bahia de todos os Santos. Deraõ-lhe os Portuguezes este nome, porque o seu fruto tem figura de mama. O Gêntio lhe chama *Popay* (...) (*Suplemento* s.v. MAMOEIRA).

3.2. OS OBJETOS E OS COSTUMES

Os nomes de artefactos e de usos desconhecidos dos portugueses também são registados por Bluteau, embora em menor número do que as entradas referentes à fauna e à flora. Em alguns casos, trata-se apenas de uma designação específica do Brasil e não um objeto completamente desconhecido (*cuya*); em outros casos, os costumes, como o uso do *botoque*, a forma de cozinhar e cultivar os alimentos ou os instrumentos musicais, devem ter surpreendido os olhos dos europeus:

Botóque chamaõ no Brasil a pedra, que os Indios metem na barba, furada para este effeito, & he seu principal ornato (...) (s.v. BOTOQUE).

Cangoera. Palavra do Gêntio do Brasil. Huns fazê seus instrumentos Musicos de ossos de finados, a que chamaõ *Cangoera*. Vasconc. Noticias do Brasil, 144.145 (s.v. CANGOERA).

Cúya. Vaso de barro, em que bebe o Gêntio do Brasil (...) (s.v. CUYA).

Gerebíta. Palavra do Brasil. Agoa ardente, que se faz da borra das cannas de açucar (s.v. GEREBITA).

Gerivíta. Vinho de melão, no Brasil (s.v. GERIVITA).

Mingão, ou Mindipirô. (Termo do Brasil.) São papas que se fazem do caldo da carne, cozida em panelas, com farinha de Mandioca (...) (s.v. MINGÃO).

Matombo. Palavra do Brasil. He hũ montesinho de terra, onde se metem, ou semeaõ as raizes da mandioca (*Suplemento* s.v. MATOMBO).

3.3. OS POVOS DO BRASIL

A convivência, no Brasil, entre povos indígenas, africanos e colonos portugueses também é testemunhada pelo *Vocabulário*⁶. A vida dos colonos nas roças e nos engenhos é retratada em várias entradas, encontrando-se, também, referência aos missionários:

Fomo chamaõ os Portuguezes no Brasil huns Alguidares de barro, ou metal, em que cozem farinha, & mandioca (...) (s.v. FOMO).

Reespûma. (Termo de engenho de açúcar.) Reespumas chamaõ no Brasil ao açúcar, feyto de escuma da primeyra escuma (...) (s.v. REESPÛMA).

Remilhaõ. (Termo de Engenho de Açucar, no Brasil.) Grande colher de cobre (...) (s.v. REMILHAÕ).

(...) Residencia. No Brasil chamão *Residencia* às Aldeas, ou Villas, em que os Missionarios *Residem* com os Indios, & quando não Residem na Aldea, mas passaõ a outra, para préggar, não he Residencia, mas Missaõ (...) (s.v. RESIDENCIA).

Roça. Porção de mato, que sendo alta se corta, ou queyma. (...) Roça no Brasil, he a horta, ou quinta, em que se semente mandioca; chamaõ-se assim as quintas do Brasil, porque saõ em terras, em que se roçou o mato, queymando, cortando, & arrancando as arvores (...) (s.v. ROÇA).

As menções a africanos revelam uma perspectiva de distanciamento (há aldeias e bebidas de negros) e de compaixão (tristes negros):

Cangalhos chamaõ no Brasil aos tristes negros, quando chegaõ de Angola doentes, & esfaimados (s.v. CANGALHO).

Garáfa, ou Cachaça (Termo do Brasil) He huma especie de vinho das borras do açúcar, a que chamaõ os Negros melaço. He bebida de Negros (s.v. GARAFÁ).

Mocamaos. Saõ no sertão do Brasil huns negros levantados, a que chamaõ *Negros dos Palmares*, derão este nome às Aldeas, que elles habitão (...) (s.v. MOCAMAOS).

O distanciamento em relação a povos ameríndios, por outro lado, mostra estranheza, e, por vezes, uma atitude de reprovação, que realça o papel “civilizador” do europeu. De notar como o verbete referente a *nação* revela a fantasia criada no espírito dos europeus perante o desconhecido:

(...) os Tapuyas, & outro Genticio do Brasil, que he de cor de bronze, com feições extraordinarias (...) (s.v. NEGRO).

Caraibas, ou Cannibales. Povos da America Septentrional, que occupavaõ as Ilhas chamadas *Antilhas*. Comiaõ os prisioneiros, e aos cadaveres, que depois da batalha ficavaõ no

⁶ Embora as referências à vida dos colonos portugueses e dos escravos africanos mereça desenvolvimento mais aprofundado, abrangendo mais obras (e não apenas lexicográficas), não podemos deixar de apresentar alguns exemplos da perspectiva de Bluteau sobre os contactos culturais que, no cenário da colonização do Brasil, lançaram as fundações para o desenvolvimento de uma variedade linguística que se foi, progressivamente, afastando da variedade europeia.

campo, faziaõ a mesma caridade. Viviaõ sem religiaõ alguma, mas no meyo de seus vicios, e cegueiras aborreciaõ a avareza. A communicaçãõ com os Europeos os fez mais humanos (...) (*Suplemento* s.v. CARAIBAS).

Policia. (...) nos povos, a que chamamos Barbaros, como v. g. o Gentio do Brasil, do qual diz o P. Simaõ de Vasconcellos nas noticias, que deu daquelle Estando (...) (Andaõ em manadas nos campos, de todo nũs, assim homens, como mulheres, sem empacho algum da natureza, vive nelles taõ apagada a luz da razãõ, quasi como nas mesmas feras; parecem mais brutos em pé, que racionaes, &c. nem tem arte, nem policia alguma, &c.) (...) (s.v. POLICIA).

Nação. (...) O P. Simão de Vasconcellos, no seu livro das Noticias do Brasil (...), fallando nas nações do Grão Pará, diz quasi o mesmo dos *Matuyús*, porque affirma que he casta de gente, que nasce com os pés às avessas, de maneira, que quem houver de seguir seu caminho, ha de andar ao revez do que vão mostrando as pisadas (...) (s.v. NAÇÃO).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização dos verbetes relativos a espécies do Brasil é bastante sistemática, sendo os empréstimos de línguas ameríndias e a transposição de palavras do português tratadas distintamente. No caso dos empréstimos das línguas ameríndias, a definição é constituída por uma informação genérica (“Maracuja (...). Herva do Brasil”), que pode ser acompanhada por uma descrição (“Noitibõ. Ave nocturna do tamanho de Gralha, pardasinha, ou de hum negro desbotado”) e, frequentemente, por uma comparação com outros referentes (“Patiguã. (...) He como cayxa de palhas”). Por vezes, o verbete também integra o uso dado ao referente, a variedade de espécies, a explicação da designação e diversa informação extralinguística: “Pita. He palavra do Brasil, & o nome de huns fios amarellinhos, com que antigamente se faziaõ os pespontados dos punhos das camisas”.

No caso da transposição de palavras do português, para além da informação genérica, Bluteau explica como foi estabelecida esta designação:

Quatro-olhos. He o nome de hũ peyxe, que se acha na costa do mar do Brasil. Chamãolhe assim, porque verdadeyramente tem quatro olhos, cabaes, & perfeytos, mas lançados hum pouco fóra do lugar ordinario (...) (s.v. QUATRO-OLHOS).

Bluteau oferece frequentemente equivalentes ameríndios para palavras em português, ensaiando efetivamente um modelo de dicionário bilingue. Além dos exemplos supracitados (*bicuda*, *cortapao*, *mamoeira*, *soldado*), o verbete *erva* ilustra bem essa qualidade do *Vocabulario*:

Erva. (...) Erva do Capitaõ. No Brasil, assim chamaõ os Portuguezes à erva, a que o Gentio chama *Acariçoba*. He planta nodosa, com raizes por intervallos, com que se estende pelo chaõ; e tem muita semelhança com a erva, a que os nossos Botanicos Latinos chamaõ *Nimphaea minor*. (...) Erva do rato. que se dá no Brasil. O Gentio lhe chama *Tangaraca*. (...) Erva de Nossa Senhora. (...) Cipo de cobras.

Erva do vina. (...) os Portuguezes lhe chamaõ Carapicos, ou Carapitos. He erva do Brasil, os da terra lhe chamaõ Caapomonga.

Erva dos feridos. (...) tem feito de Assucena, tanto assim, que lhe chamaõ alguns Lilium Americanum silvestre. (...) Os da terra lhe chamaõ Albara, e Pacivira (...) (*Supplemento s.v. ERVA*).

O registo de nomes indígenas para referentes trazidos pelos colonizadores é quase nulo. Os exemplos restringem-se quase exclusivamente a pessoas.

(...) Caraibas. No Brasil he o nome, que o Gentio dá aos seus feiticeiros. Tambem aos Portuguezes daõ o mesmo nome, e a todos os mais Europeos, quando lhes vem fazer cousas, que excedem a sua capacidade. *Jorge Marcgrav. História do Brasil* (...) (*Supplemento s.v. CARAIBAS*).

Embora a perspectiva de Bluteau revele um viés português e eurocêntrico, a sua obra oferece um número substancial de termos indígenas, manifestando um apreciável esforço de compreensão de uma realidade diferente da europeia, tanto quanto a época o permitiria. Bluteau recorre às fontes disponíveis para abonar as descrições de realidades que ele próprio desconhece, mas essas fontes evidenciam, por vezes, uma visão do exótico novo mundo que não podia deixar de ser fantasiosa.

Uma nota final para a conclusão mais evidente desta análise: destes termos “do Brasil” que integram o *Vocabulario* de Bluteau, poucos são os que entraram no léxico do português europeu, criando assim, desde logo, uma base para o afastamento lexical das duas variedades: a maior parte dos dados incide sobre elementos da flora e da fauna; nos dicionários contemporâneos, os termos de botânica e zoologia compõem grande parte da nominata e, em dicionários especializados no léxico brasileiro, esses termos são particularmente prevalentes e frequentemente derivados de línguas indígenas, diferentemente do que ocorre no português europeu. Villalva (2016: 411) constata que apesar do significativo contributo das línguas autóctones para a nomeação de espécies animais e vegetais no português do Brasil, “a maior parte dessas palavras não existe no português de Portugal”, uma vez que os seus referentes não são familiares aos portugueses: “a generalidade das espécies animais (como o *tatu*) ou vegetais (como a *jabuticaba*) são desconhecidas para a maior parte dos portugueses, pelo que os seus nomes também”. Na verdade, o léxico de origem ameríndia que existe no português europeu (como *jacaré* ou *ananás*) resulta de empréstimos fornecidos pelo português brasileiro ao europeu, em épocas distintas. Podemos, pois, encarar a incorporação dos empréstimos de línguas indígenas no português do Brasil como um primeiro momento de diferenciação lexical entre português brasileiro e português europeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLUTEAU Raphael, 1712–1728, *Vocabulario portuguez, e latino* (...); tomos I e II: Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; tomos III e IV: Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713; tomo V: Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1716; tomos VI e VII:

- Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, 1720; tomo VIII: Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, 1721; suplemento I: Lisboa: Oficina de Joseph Antonio da Sylva, 1727; suplemento II: Lisboa: Na Patriarcal Oficina da Musica, 1728.
- CLP = *Corpus Lexicográfico do Português*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – Universidade de Aveiro, disponível em: <http://clp.dlc.ua.pt/Inicio.aspx> (acesso em: 20.11.2023).
- GONÇALVES Maria Filomena, 2006, A marca lexicográfica “Termo do Brasil” no Vocabulário Português e Latino de D. Rafael Bluteau, *Alfa: Revista de Lingüística* 50(2): 205–228.
- LOPES Jorge Domingues, CABRAL Ana Suelly Arruda Câmara, 2018, O “Vocabulário Português, e Latino” e Brasilico, de Raphael Bluteau: análise dos brasileirismos ameríndios de base tupí, *Alfa: Revista de Lingüística* 62(3): 513–542.
- SILVESTRE João Paulo, 2001, *Argumentação no prólogo do Vocabulário Português, e Latino: a defesa da obra e da língua portuguesa*, (in:) *O Discurso em Análise – Actas do 7º Encontro de Estudos Portugueses*, Luís Machado de Abreu, António José Ribeiro Miranda (coords.), Aveiro: Universidade de Aveiro, 87–101.
- VERDELHO Telmo, 2007. *O património lexicográfico*, (in:) *Dicionarística Portuguesa. Inventariação e estudo do património lexicográfico*, Telmo Verdelho, João Paulo Silvestre (orgs.), Aveiro: Universidade de Aveiro, 11–127.
- VILLALVA Alina, 2016, *A inter(in)compreensão de palavras diferentes e de palavras iguais nas variedades do Português de Portugal e do Brasil*, (in:) *Pelos Mares da Língua Portuguesa 3*, António Manuel Ferreira, Carlos Morais, Maria Fernanda Brasete, Rosa Lídia Coimbra (eds.), Aveiro: Universidade de Aveiro, 403–424.